

UTOPIAS PROVISÓRIAS

Livro 19

Escritos do eu e tu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



AS FENDAS DAS ESTÁTUAS

Tira-me esta urgência, atenda em mim esta vontade que se inclina tanto para a glória como para o fracasso. Animo-me a fazer coisas felizes se me deixam tal sorte que me converte naquele que alcança fazer melhores gozos. Sonho com olhar-te os seios e os olhos com um mesmo olhar até repousar meu desejo depois de todos os combates. Uma alegre acolhida me faz um pouco melhor do que sou. Porém havendo estado em lugares tão amenos e sem surpresas, perdi o que me iluminou, o que agora jaz escondido. Tanto como o dia que morre resta-me o consolo de tudo ver e sentir quando posso vencer o cansaço e faço valer minhas opiniões.

Tua cortesia recolhe com talento e delicadeza minha alma abandonada dando exemplos de humildade para os que não sabem expressar-se sobre as coisas do amor. Desde onde viria essa tristeza que me invade de golpe sem pedir licença e sem culpas se expressa impura como uma desventura? Só sei que ocupa o mesmo espaço que a minha alegria. É como um mal que se intromete como se ocupara todos os espaços e estivesse eu em comum concórdia com sua impertinente presença. Não sei o que é certo, ou melhor, nem a diferença entre os

dois, porque é tal a aflição que me absorve com ares de quem vem para algo me ensinar. Tenho desejos de promoção e de cuidados até que uma farta satisfação descubra o tamanho do bem e do gozo que se é capaz de alcançar quando se chega a esses lugares nunca antes usados. Toda a vida sentida com mesura ensina a esperar até que a clave grite e chore de prazer antes que se termine a festa que começa de dia e termina em sonhos

Teu corpo amigo, avaro, aqui despejando ambições por todos os poros se cansa de ouvir expressões de encantos fecundos, que matam minha fome e minha sede, obrigando-me a idolatria do sentir que sinto por ti. É neste instante que minha alma sente que és a graça mais pura, que ternamente verte e acende uma chama que ilumina e nutre.

Ver-te longe me desconcerta pela distância que me faz perder-te, pois meus olhos não alcançam tantos ardentes desejos para uma só ocasião. Suavizo a dor sentida e supondo alcançar as graças desejadas apontando minha alma viajante para todas as latitudes buscando onde te possa encontrar. Levanto a fronte para ver-te melhor caso te encontre. Quero dizer-te que eu suponho ter algo para oferecer-te além das minhas saudades e minhas

declarações de boa intenção. Condenado a tornar-me um a mais na tua vida, busco razões que coincidam com as tuas para fazer das experiências uma única que ensaie e que se faça a mesma e nossa cortesia. Eu não digo que ante mim deverias perder pedaços para jogarte em minhas recordações, porém lamento não te haver inaugurado de prazer como um ímpio que te seduziu fazendo arder em teu peito o desejo.

Disposto a inclinar-me em tua sombra sempre que partes me divido em tantas quantas sejam tuas despedidas. Simulei também desaparecer, falei injúrias, ofensas, me vicieei em ter medo até descobrir que em todos meus segredos eu te dava razão ainda quando não as tinhas. Até descobrir que posso me salvar quando me mantenho sereno guardando serenamente as energias, compensando as agonias que se confundem com as vontades.

Para que sejam puros, os instantes devem operar para deixar em mim as mais ternas e profundas recordações, confiando-me o direito de ser tutor e guardião. Quando contigo estou me fazes sentir com tal doçura ser o inventor e o reproduzidor desse afã que me põe a ponto de explodir toda vez que te faço sentir uma fêmea alegremente nascida. Os ânimos se extravasam

e em ti abandono pedaços de mim cada vez que te gozo. Ao final de tantas delicadezas interrompo minha devoção para amar-te com graça e de uma forma justa para a ocasião causando-nos maravilhosas alegorias a adornar nossos corpos.



APRENDIZ DO QUERER

Preciso aprender a te querer quando estejas por perto e a ter-te em saudades na ausência. Preencher os vazios com a imaginação que fundaste em mim com lembranças que ficaram para nunca mais sair. Venha quando possas, estarei aqui te esperando; afinal, meu tempo está aberto para ti até quando queiras.

Saberei ser teu amante? Por quais razões eu repararia no encanto do teu olhar se teus olhos não me olhassem? Quais arrepios me eriçariam a vontade de te amar, se tua competência não tivesse aprendido a me fazer gozar?

O SUSTENTO DO TEU SORRISO

Viste coisas que ora te possibilitam sustentar o meu sorriso...

Dante

Diz-me qual coisa devo ver para possibilitar o sustento do teu sorriso. Em que idioma versas teu sentir se o teu silêncio labiríntico anuncia e cancela com a mesma versatilidade. Conta-me parceira, se devo começar pelos títulos, pelos catálogos, pelos inquéritos ou simplesmente pelo teu olhar levemente triste. A vantagem que me dás é que me olhas e me escutas, então posso contigo dialogar sobre meu encantamento, meu apaixonamento, esses sentires temporários, essas manobras que ressuscitam despertando em mim uma antiga forma de sonhar que nunca sai de moda. Esses poderosos elementos reinventam maravilhas, sustentam os meus sorrisos, me fazem romântico.

Regenerar a alma exige revoltas devidamente lideradas, lutando contra a estupidez, o uso, o abuso. Ganhar esperanças exige esforços e uma tenaz busca por algum oásis que considere válido ter virtudes, inaugurar

algum lugar onde se possa ser ingênuo, acreditar no próximo esperando que ele possibilite com seu olhar o sustento de um sorriso.

Transformadas em certezas, as possibilidades animam seu mentor que compreende que a cada avanço possa ocorrer um retrocesso e a cada estímulo a contrapartida do descrédito. Juntem-se os sorrisos, deem-se as mãos sem arrogância e sem provocação, unam-se para sentir e dar sentido à união, desabotoe-se as amarras, confiem desconfiando, desfilem um para o outro, exerçam essa maravilhosa possibilidade de olhar, sejam cívicos desarmados, refutem os desalmados e lavem os olhos com uma água bendita que purifique o olhar.

A administração do provisório exige energias comedidas separando o urgente do importante. Como me inventar assim se tão pouco posso ser para ti. Reunindo o melhor de mim apenas esboço sorrisos neste teu levemente triste olhar. Ando insistindo para romper esses muros invisíveis que te fazem olhar-te a ti mesma com desconfiança, embora o contentamento às vezes me inunde e me faça pensar ser teu guia, teu farol, quase teu tudo. Ainda que as notícias sejam as mesmas, minhas urgências ficam cada vez mais tuas, e minhas preparações já não me sustentam comum e

rotineiro. Diga-me se meu empenho te agrada, não sei se sigo ou se paro, desisto ou insisto. Adotarás parte de minha alma e do meu olhar para ver-te como eu? Ou será me esforço em vão para inaugurar em ti uma nova forma de ser descobrindo o amar, sabendo que isso não depende de esforços, mais de inspiração que de transpiração. Empenho é melhor termo junto com abertura, disponibilidade, disposição, convivência, parceria.

Abandonei esses lugares comuns que me fazem sitiado para acompanhar-te pelos lugares por aonde vais. Minha alma dorme mais tarde para fazer-te companhia e dar-te abrigo, -caso me necessites. E ao final, ansioso, durmo esperando na manhã vindoura ser tua companhia até que a tarde me faça despedir-me e desejar-te uma viagem mais tranquila e menos arriscada, sabedor que essas jornadas contraditórias te assustam pela recepção, pela decepção, pelos vazios e pelas luas provisórias.

E agora que me habituei a ser teu anjo da guarda conta-me com que olhar te olho para habituar-te também a saber que meu olhar sustenta o teu sorriso e a tua esperança e o teu amanhã, porque por empréstimo ele é teu até que o adotes. Depois de incorporado já não

mais me pertencerá, ficará como uma sombra minha dentro da tua memória para que nunca mais te esqueças de que em tratando-se de ti, terna, doce e mulher, a gentileza do olhar que sustenta, desliga desesperanças e inaugura direitos nunca antes creditados como um bem e um valor firme a ser preservado como uma intimidade bem-vinda, leva um pedaço de mim. É uma coisa que terás que fazer costume, por isso algumas tardarão, serão por ora luas provisórias até que decidam tornarem-se permanentes e companheiras.

Não se pode esperar nada de bom daqueles que ainda não aprenderam a ver, como olhar de forma a quem veio para ficar. Esse olhar é como uma composição poética que desde cedo nos desperta com um sorriso para mais um dia, nos faz abrir as portas e estender os braços para abraços inesquecíveis e palavras doces que entram pelo ouvido como o mel que adoça deslizando e entrando macio corpo adentro.

As mãos inquietas, contidas para não aplaudirem, se acomodam fingindo quietudes, ficam a vontade na desarmonia de não acompanhar os olhos que sustentam os sorrisos nesse teu rosto levemente triste.

AS LUAS PROVISÓRIAS DA UTOPIA

Nas minhas utopias já te sequestrei de todas as formas possíveis, já reinventei meus tempos, idades, possibilidades, intenções. Joguei com a sorte de ser sensato preferindo ser teu anjo da guarda para assim não te perderes nunca de mim. Embora o status de anjo seja inferior ao de querubim, será sempre superior ao dos simples mortais, ficando assim bem mais difícil livrar-se dos anjos que dos homens. Pelo menos a gente teme ficar desprotegido sem eles.

Adoro brincar contigo e com a minha imaginação, assim que entre a lua de ontem e o sol de hoje tomamos banho juntos na fonte de uma praça pública, fizemos amor na mesa da cozinha, ganhamos um campeonato de resistência em beijos, brigamos pela disputa de uma flor que ambos queríamos para dar ao outro, ficamos de mal porque os nossos corpos não puderam acompanhar as vontades sensuais das nossas almas e pediram descanso descompassando a intenção e a ação. Lemos juntos um livro, sincronizamos a fome e jantamos na mesma hora, repartimos o único pão disponível no café da manhã e levamos mais de uma hora para nos despedirmos, depois de passar a noite em

claro declarando amor, deixamos de lado o livro que era o menos importante, foi só o motivo de nos fazer deitarmos juntos e ficarmos para assistir um programa em comum, o mais importante, era onde minhas mãos te acariciaram, onde minha boca encontrou teu corpo, onde meus olhos pousaram a ternura e minhas palavras sussurradas te fizeram dormir, o pouco que o nosso amor te deu lugar, naquele breve armistício para Utopia, que ao contrário de distante é o lugar mais próximo porque está dentro da gente e quando a gente quer e pode sonhar, viaja pra lá.

É que a vida é uma construção permanente que precisa ser alimentada todos os dias, portanto nada é definitivo, só aquilo que se cuida sempre e sempre e alimenta e devota e admira e cultiva e acaricia e enaltece e no fim do conjunto aprende a amar.

Acabrunhada, minha recordação ainda te reproduz nua no meio da rua onde ando e me erotizo olhando um poste, porque ainda sigo pensando em ti nascendo e morrendo de amores nos meus braços.

Sem atrevimentos, nos conquistamos e mimamos antes que alguém nos considere loucos sonhando à deriva, alimentando inclinações inaceitáveis. Não aceitando sujeitar-nos ao convencional fugindo a sensatez que

obriga disfarçar o desconcerto do amor que passa por cima dos relógios, desobedecendo os tempos e as previsibilidades, as coerências e as adequações. Marcado como brinquedo de infância, o jogo desse amor inventivo como ele só, cria e recria imagens, consolos, fugas, raízes, avisos, tudo em vão para uma alma que por vocação se entrega ao amor. Visto de todos os ângulos, os riscos devidamente alertados, calaram os alarmes que em nome do coletivo oprimia e para as trombetas que em nome do conjunto anunciavam a aceitação do amor bem-vindo que ofertou mil razões para ser feliz.

Ao aspirar aos teus cabelos, eles exalavam cheiro do amor, fiquei ali, em silêncio tentando identificar qual cor caberia naquele odor e que gesto combinaria para dar-lhe a cenografia merecida. Percebendo o olhar agudo que define minha presença como incomum, senti-me especial porque só me olhava a mim esquecendo tudo o que estava na frente e ao redor. Brincavam de fazer-me crer o único que enxergavam, enaltecendo minha antiga sede de admiração e contemplação. Devolviam-me umas imagens melhoradas, como um benevolente espelho que poupa minha consciência do pior. Tornavam assim possível uma lembrança viva a

ser guardada, para ser usada em algum futuro, quando se faça necessária a economia de reconhecimentos e de amores. De uma maneira inteligente nunca contariam isso para evitar assaltos e sequestros. Não há outro lugar para guardarem-se marcas da memória que não seja na alma. Ao abrir-se uma ocasião que viesse a calhar, as fantasias encontrariam caminhos para deslizarem sem sobressaltos em direção aos tempos de sonhar e acomodar os desejos vividos em algum canto da vida, indicando aos não vividos o caminho da esperança. Se as luas fossem provisórias, tal seria seu valor e atração que haveria que torná-las permanentes.



NINGUÉM JAMAIS ME FALOU

Ninguém jamais se dirigiu a mim como sendo o bem-amado, no tom suave em que me agradam as palavras ouvidas, Algumas palavras gritadas, mal atiradas caíram em meus ouvidos instalando crenças negativas, fundando em mim a ideia de que eram espontâneas

como as pedras dos rios e o sol de cada manhã. Fiel cumpridor de meus desígnios, jamais ousei utilizar-me das dúvidas para fugir. Por isso nunca deslizei da fidelidade imposta que juntei aos documentos como uma marca que determinava a minha identidade. Preferia estar só e doar-me ocasionalmente, já que tinha a certeza de que jamais amaria ou seria amado. Arredava cada um que se aproximava como se obstruísse meu andar pela vida. Ajudava a levantar alguns atirados ao chão e me curvava ante os que só se contentavam brincando de ser rei. A eles oferecia uma convivência de súdito, embora não os reconhecesse em suas pretensões. Nessas noites, cumpria como uma doutrina aquilo que pensava ser humano. Alguma vez tentei mudar de ideia, mas acabei hóspede de certa preguiça que me convidou a permanecer no engano. Tão singular como estar disponível era a minha capacidade de doar-me como se aquilo fosse natural, viver sem reciprocidade, perdendo a esperança de algo merecer. Acostumando-me a ficar do lado de fora à espera que as portas se abrissem, guardei meus sonhos por ter certeza de serem impossíveis e vivi de postergar um estado de consciência que me faria ter novos comportamentos frente à vida. Nada seria mais

certo se a vida não preparasse surpresas. Até então não tinha por que duvidar do meu destino. Acostumado a não ter mais vontade de chorar, vivia apoiado em fantasias e na falta de méritos de ambicionar um tempo com horas cheias e noites com luas iluminadoras.

Ansiando por arder de desejo, abria o coração, mas não conseguia amar. De certa maneira algum escrúpulo resistente reconhecia em mim uma especial pessoa limitada na expansão e no sonho. Os mitos são vazios, só valem quando se os preenchem com a crença de quem os conduz e perpetua. Filho de um amor quase nada conturbado, nem podia ser vítima de um desencontro típico de homem e mulher; acabei herdeiro de um fantasma que ainda carrego: filho da mais perfeita união.

A luta que renasce, trazendo uma surpresa agradável, tenta despir-me de semelhante falta de consideração por mim mesmo. Tento despojar-me da falta de esperança nos vínculos. Espero ser recebido em braços e beijado com o fervor do amante que anota em seu coração uma mensagem que melhor lhe convenha para tornar-se receptivo e aberto à melhor das novidades. Busco quem me faça ouvir falar da delicadeza e de um tempo melhor, ensinando-me a voltar atrás nas

minhas desconsiderações e convidando-me à uma vida mais alegre e comprometida com alguma continuidade amorosa que me incorpore como partícipe por direito. As rápidas incursões nos amores efêmeros, roubaram-me virtudes que asseguram o significado dos encontros humanos. Acostumado ao desencontro, aprendi a despedir-me com facilidade dessa conhecida maneira de saber friamente dizer adeus.

As palavras otimistas sempre me pareceram utopias, impossíveis de inclusão na vida cotidiana. De uma forma menos precisa, as seduções se apresentaram diante de meus olhos de várias cores e com vários nomes, sem, entretanto, encantar-me, pela falta de veracidade e importância. O descrédito no amor tomava conta de manhãs, tardes e noites, e eu aprendia com o mundo a frieza com que se desama. Os encontros efêmeros só existiam para confirmar-me incessantemente que os interesses circulam, se desgastam e são banais. Que o amor se nega a consentir meros extravasamentos.

Eterno remetente, nunca recebi uma carta de amor. Envergonhado pelos sentires, nunca confessei sentimentos, até mesmo porque as inúmeras tentativas criaram blindagens para evitar a decepção e o sofrimento, por isso também me esqueci de que sabia

e podia escrever, cartas, poemas. Pouco esperançoso de que com algum empenho talvez pudesse ser feliz.



***NOSSAS SOMBRAS SE DERAM AS MÃOS E
FORAM DORMIR JUNTAS***

Cada vez que nos dizíamos até sempre, nossos corpos distantes se contentaram em sonhar que se cuidavam e nossas sombras se deram as mãos e foram dormir juntas. Sou um idiota que não te pode dar o que mereces e te pede o que não pode receber, então entre um alisar e uma saudade quer saber da tua vida acenando para a janela vazia parecendo prever uma partida sem compromissos. E a natureza se compadecendo faz-me duvidar que as enchentes possam molhar minha sede de ti. O resto, é tudo a minha imaginação que te reinventa, acordando-me aos gritos e me fazendo sentir irregularidades no bater do meu coração e da minha conduta. Depois de dar férias à sensatez, decidi contar-te tudo para que abreviasses teu tempo ao meu

lado deixando-te de atender-me por sabedoria e lucidez. Essa singular coincidência de comparar diferenças me fez encontrar um personagem que vivia rondando os telhados e meus fins de semana inverniais e minhas noites vazias. A alma mal vestida e suja estreitava pedidos, quase esmolas. Atrevidas, as carências tentaram entrar na tua vida buscando ar na tua respiração e sangue iniciante para meu corpo cansado de notícias e decepções.

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, quantas seriam suficientes para dizer tanto quanto o silêncio que tudo diz por nós.

Nesse labirinto meus medos se escondem atrás das minhas costas, dos meus cotovelos, nos meus calcanhares, fazendo-me doer por inteiro quando de ti sinto saudades. Quais critérios trocam meu sentir pela tua falta de amor. Como um supremo prêmio, deixastes um beijo escrito numa nota de despedida que nunca escrevestes e eu me imaginei. Se não foi possível aparecer, francamente necessitado de respostas, buscando sossego, sem olhar para cima ou para baixo, duro foi manter a cabeça erguida quando me faltou sentido para todos os absurdos que comoventemente se transformaram em lembranças doces, elas voam como

pássaros por cima da minha realidade e pousam como mariposa no doce olhar com que te finjo encontrar. Quando meu braço busca escrever poesias, minha mão vazia despenca invenções que me perdoam a falta de inspiração e mudam o rumo das minhas intenções como se soubessem meu destino. Tento imaginar minhas reações, mas como de costume obedeco às vozes interiores que me convidam a calar-me em palavras e explodir em emoções. O bem com que te ofereço as minhas mãos, buscam te dar uma resposta que condensem o alô e o adeus.



O AMOR É UMA AVENTURA COM CONSEQUÊNCIAS

O amor é assim, vive de inventando festas e qualquer motivo é um motivo para ele ser cantado, poetizado, vivido para não se reduzir a uma fantasia. Por saber que a confiança tatua a pele e a desperta depois de tenebroso inverno, os amantes envolvem todos os terminais de

sangue e de nervos para em seu conjunto avisar que ali está o amor. É um acervo, como um conjunto de sabedorias lidas em um só momento orientando o beijo, a carícia, a ternura, o olhar, o silêncio que é mais que um fazer. É uma obra de arte, é um estar e um confirmar, uma aventura com consequências e uma promessa que exige cumprimentos, uma lealdade consentida, uma franqueza dos fortes, uma congruência que ilumina, uma eloquência que deixa rastros, uma sensatez organizadora para a ética validar que alguém possa querer assim, ver-se assim, dando sentido e valor para se viver com esperanças.

Olhando-se em silêncio as legendas que acompanharam aqueles olhares diziam que se uniam como aqueles sonhadores que se orgulham de ser utópicos e se fazem mais queridos quando carentes.

Somente humildes, aceitando aprender do encontro com a avidez de um analfabeto das cosas desse novo amor. Reinaugurando um lugar para a curiosidade descobrir o beijo que investiga como aquela boca tem sede e fome, e a língua que busca vestígios de palavras tentando adoçar o paladar alheio, quase malabarista silenciosamente se entrega para a boca alheia aceita a alienação temporária que contradiz com a ansiedade

de gemer e de dizer que descubra enquanto não se dê o canibalismo fictício e um coma ao outro.

Amar é também se fazer cargo de si mesmo, não é depositar-se na vida do outro como uma oferta não desejada. Amar não tem nada que ver com fazer-se dependente.

Para não se transformar em adoção já que na doação o que se crê ser amar se confunde muito, é quando o amor autoriza tornar-se propriedade e se deixa de existir para ser o que o outro quer que sejamos.

O amor é pouco tolerante, é a manifestação de coincidências agradáveis e de imprevisíveis do acaso remete a algumas espontâneas manifestações como recato, sedução. Porque são vinculares e referentes, um sabe o que esperar do outro, como quer ser sustentado, abraçado, confirmado. Encontra porque sabe o que busca são belas esperanças até fazê-las regulares, relativas e permanentes.

Muitas vezes se declaram dignos da maior consideração tal sua doçura ternamente ofertada que é quase o milagre de la multiplicação dos sentidos, tão intensamente vividos não parecem cinco, senão cinquenta, quinhentos, cinco mil. Por instantes não se sabem filhos da natureza tal a dignidade e o respeito

se sentem quase anjos cheios de tentação e de boas intenções esquecendo por minutos toda a escassez. Aquele festival de virtudes orgulhosamente ofertadas era uma passarela para o orgulho que desfilava com todas as maravilhas e os encantos pertinentes ao amor e à gratificação da troca alternada de gozos enquanto não lhes roubassem a cena.

A adversidade rondando o momento, espera alguma incompetência para originar o medo. Trata-se de levar consigo uma boa dose de prudência para estender o direito, mais além do dever. O ato ilícito não deixa lugar ao desconcerto que afasta. Ambos se devem tomar das mãos e acariciar-se até que o desejo imponha um avanço às carícias para uma rota mais distante. Qualquer ação consentida pode ser usada como um pretexto para mais amor oferecer libertando aos amantes do vício da renúncia. A maior das virtudes afirma que os amantes podem mais e que o amor, como a vida são construções permanentes.

Os grandes amores começam pelas coincidências, pela conciliação dos interesses, pela cordialidade, pela troca de carícias, a extroversão dirigida do afeto e da homenagem que torna útil para presença e o cuidado. Que os limites dos amantes seja conhecido e que os

costumes permitam a comunhão sempre com o cuidado de investigar com atenção ao outro porque o amor não tolera falta de cuidados.

O amor é deliciosamente ameno, vive de partições e zelos, o amor é o oposto das despedidas. Entregues aos prazeres se insinuam alienados, desaparecem, se escondem em seus esconderijos, acalmada a besta em sua versão original se impõe fazer amor educando os atos que por delicadeza fazem da ocasião uma declaração de princípios e de fins. A virtude inventada pelos amantes formam um par de humildes, que de tão viventes sabem da fragilidade do ser nas mãos alheias que elogiam e que criam dependência e que acariciam mais além do imaginável.

Cheios de consignas secretas todos apontam para que se cuidem como inventores do íntimo e da matriz, jamais se esquecendo que são intermediários da vida, da origem e de seus destinos.

RUMO AO INFINITO

Um sublime acontecimento os liberta das enfadonhas obrigações. Como em um armistício as pessoas se ajudam cada vez que se amam. Como numa oferenda alguém se dispõe a oferecer alguma companhia à altura para fazerem juntas as coisas da vida com mais eficiência.

Nossa habitual morada, o corpo que percebe e responde, tanto se atormenta como suavemente adora e idolatra a obra prima de um criador desavisado, longe de imaginar-se um poeta que perpetua a estética esmerada, pensa-se como quem luta a favor da vontade, sabe o que deseja e persiste na realização.

Plenos de argumentos, os amantes se encontram para viver. Mesmo no silêncio se diz de muitas formas o amor que se têm e sentem entre si porque por mais dura e persistente que seja a proibição, a vontade enfeita o ato para na homenagem dizer que ao amar se está fazendo justiça.

Conicionados ao enamoramento, o par festeja a coincidência de interesses e um torna feliz ao outro. O ato natural de condicionar a confirmação faz o possível para reafirmar o já sabido, sendo esse procedimento um processo banhado de prazeres do começo ao fim. Quase-

loucos, quase-perfeitos, quase-mais-que-perfeitos, entre verbos e substantivos se elogiam e se buscam entre si as qualidades maiores e cada jeito de gozar e sentir o prazer. O extraordinário dessa coincidência é a espontaneidade com que ela se dá. Antes mesmo de saberem pôr em movimento a aventura já iniciam como almas-gêmeas, dizendo as mesmas coisas, pensando as mesmas coisas, estendendo os limites do que possam fazer. Eliminada a noção de pecado, se oferecem num ritual quase-pagão dando as costas à agressividade, que de esquecida perdeu a validade. Inspirados pelo romance que brota do encontro, os amantes se abandonam a sonhar e a descobrir o pequeno gesto que cobre todas as necessidades, que preenche todos os vazios, que satisfaz todos os anseios, que corrobora e acentua a natureza que faz amar. Os amantes são pedintes que não se humilham, pedem porque sabem que serão atendidos. Surpreendem-se quando deixam de lado o preconceito e se incluem a viver o que antes evitavam. É um agir consciente e aceitado que subordina a moral a permanecer quieta para não implicar em conflito que possa levar à desistência. Os critérios sofrem mudanças para evitar perseguições e críticas, agora infundadas, porque o amor deu sentido ao ato e deu razão a seu existir.

Não podendo mais acreditar na atribuição de culpas, os amantes se comportam conforme as normas da espécie: acasalam-se e se fazem juras de amores efêmeros e eternos, pois a relevância que adquire o amar e ser-amado, enaltece a qualquer um que humildemente se sinta pertencendo à espécie.

Disputando o mesmo espaço e o mesmo elogio, nasce dessa conjugação o ato amoroso de dar e receber prazer, doação esta que ilustra aos olhos do amado o quanto se quer e se cuida. Sob os olhos do amado que contempla e admira o carinho recebido, restam a serena ternura da acolhida e a gratidão da intenção. Manifestada a aceitação cada encontro se transforma em um evento onde se tentam tirar todas as vantagens possíveis. Possuidores do segredo, capazes de desvendar o outro porque buscam conhecê-lo, os amantes se desdobram para prevalecer e tornar justa a expectativa do amado, por isso antes do descaso, a leitura por antecipação que quase “adivinha” o desejo do outro. Diante da surpresa ambos se desconcertam porque um atribui ao outro a magia, quer seja pela adivinhação ou simplesmente pela delicadeza da percepção.

Caminham assim juntos, rumo ao infinito.

DESANINHAR A TRISTEZA

Procurei-te porque senti tua falta, não porque pudesses estar por ali, até parece que tu não entendes de imaginação. Ninguém pode matar os nossos sonhos ainda mais quando eles inauguram em nós um lugar muito especial, agora ainda que ocasionalmente, os sonhos existem para passear nas entrelinhas do pensamento rondando a curiosidade e inspirando a que anonimamente nossos desejos espelhem a ternura que tanto se deseja conhecer no caminho da doação e da recepção. Faça dos teus sonhos, todos os dias o melhor que possas com todos os que os mereçam partilhar, afinal a melhor forma de homenagear os que amamos é fazendo do amor um modo de estar-no-mundo. É desaninhar a tristeza e dar-lhe nova oportunidade de ser feliz. É reconhecer o que existe, é apoiar quem faz. Porque te empresto minha voz tu me podes nomear como fiel companheiro que reveste teus encantos e dá sentido ao teu existir. Porque te empresto esse meu jeito de sorrir é que alguns me odeiam quando por desprezo se encontram comigo revestindo teus olhos felizes encantados com o teu existir. É através de uma revolução que se instaura em nós

a novidade que promove mudanças na forma de ver o mundo e sua rotineira evolução. Como a discrição se faz encantada ninguém nos percebe sonhadores, seguimos como se fora mais um dia comum. Funcionamos como sempre tratando por diálogos internos e repetindo desconhecemos a possibilidade de inovar. Salvaguardando a capacidade de sermos delicados, ensaiamos todos os dias para não nos desacostumarmos da gentileza. Vestimos a sinceridade com delicadeza para que os outros possam aproveitá-la e incorporá-la. A sinceridade não poderia ser enviada ao outro se não fosse assim. Porque dessa maneira nos fazemos os protagonistas principais.

A nossa delicadeza deverá durar o tempo necessário da carência do interlocutor. As tristezas são mais facilmente encontradas porque se apostam mais nelas que nas alegrias. Algum de nós investido no bem fica um tempo de quarentena antes de abrir-se ao outro para evitar contágios, nunca esquecendo que sempre por perto haverá algum mais necessitado distribuindo desesperanças do que abrigando incentivos.

Os olhos que contemplan os sonhos e sorriem refugiados nos olhos do outro, se entreolham como espectadores temerosos da turbulência que as relações

humanas costumam promover. Aprendizes eternos da vida que se constrói permanente, tivemos que nos vestir de humildade para não inventar o impossível e viver o que nos permitiu guardar com muito amor na memória todo amor que desaninhou a tristeza.



HOMEM NÃO CHORA

O verdadeiro ato da descoberta não consiste em encontrar novas terras, porém sim em vê-las com novos olhos.

Marcel Proust

Adiei por 40 anos o medo de perder meus pais. A orfandade me atingiu na metade da vida, nem por isso deixou de tirar-me pedaços. Pior se houvesse sido antes, pois esse sempre foi um dos maiores temores da minha vida.

Ainda criança, no escuro do meu quarto buscava uma luz ou um barulho que me indicasse que os habitantes da minha casa estavam ali e vivos. Eu não tinha medo

da morte, tinha horror de perder meus filhos. Esses horrores universais me fizeram usar cobertor no verão para ensurdecer-me, cegar-me, abafar-me às ameaças que me assaltavam a noite. Começando ao entardecer, a noite chegava trazendo consigo o silêncio e a ausência de vozes esvaziando a minha solidão.

Socorria-me com um pequeno rádio que me povoava de tangos e boleros e sambas-canção, meu abrigo, minha casamata. Ora fugindo para Montevideo, ora Buenos Aires, um ou outro passante noturno marcava seus passos na calçada que estava permanentemente abaixo da janela do meu quarto. Como eram silenciosas aquelas ruas noturnas! Combinados os passantes, todos descansavam ao mesmo tempo deixando de socorrer minha aflição.

Eu sabia quando ficaria mais só com o meu medo, era quando os bêbados do bar da esquina se calavam para rumarem sem rumo para qualquer lugar que os levasse a outro bar.

Meu medo maior era ficar adulto e ter que “ir à guerra”, matar, morrer, aleijar, odiar, me viciar no ódio e confundir sentimentos. Homem não podia chorar, então o fazia quando ninguém pudesse me ver. Naquele então, ainda rezava, automaticamente como todas as crianças, mimetizando palavras sem lógica, longe da compreensão ritualística dos adultos que inventam um

Deus difícil demais para ser entendido pelas crianças. Agarrado nas historinhas, nos brinquedos, na lua e nos apitos de um trem que carregava alguma coisa que só podia ser levado de madrugada. Aprendi a prometer. Minhas promessas eram acordos de sobrevivência. Uma conveniência ocasional tentando influenciar o meu imaginário mais poderoso que o meu medo e adiando a batalha final para o dia seguinte. Entre a agressão posta a serviço da afirmação do homem e a vontade de delicadamente me defender, nunca pude bater nos meus inimigos por temer machucá-los.

Cada vez que a noite chegava eu me punha triste porque um dia que acaba confirma um término, um fim, e isso coincidia com meus temores.

Era muito difícil acordar no meio da noite porque o frio evitava acordos, não perdoava dormir destapado e os pés descalços. Naqueles seis meses frios o ritual dos banhos evitados, das botijas de água-quente e do cachorro-quente que matava a fome depois do jantar, tal o apetite e o excesso de voracidade.

A vergonha me impedia de pedir socorro e nem mesmo sabia que seria possível alguém me dar abrigo. Fiquei assim com minha infinita solidão e meu persistente medo. Cresci sabendo que as guerras estão. Que permanentemente há órfãos de guerra. Pais e filhos, ambos despedaçados e separados sem opção.

Esse medo ainda persiste, ainda que eu o esconda ele ainda me persegue, ele ainda me assusta. Eu pressentia que as perdas precoces ferem o crescimento da esperança e interferem no fortalecimento dos vínculos. O destino prega peças e inverte a ordem natural das coisas, às vezes, mais do que gostaríamos, Só de ser uma obrigação, aquele medo era ruim. A morte poderia uma construção, interromperia a minha identidade. A difusa atenção não me permitia ir ao colégio limpo como um caderno em branco. Minha alma riscava a minha imaginação superpondo um dever de casa que eu nunca fiz, um estudo que eu não gostava e uma ausência total de compreensão de porque tudo aquilo. Eu não sabia naquele então que aquilo se chamava angustia, tinha nome e poderia sofrer modificação, tanto para melhor como para pior. Haverá algum lugar para a recepção e o respeito? Poderá ser dita a dor que impõe a alienação ao homem destinado à comprovar que homem não chora? Poderei dizer da dor e da solidão e do abandono que impede dizer o que se sente posto eternamente a prova e o vazio que se organiza no mero cumpridor que desumanizasse para ser apenas um personagem, renunciando ser pessoa. Descobri o psiquismo pelo medo, luto, dor, doença física, intolerância do outro, separações, perdas em geral, falência comercial, desemprego, desprestígio,

desabono, injustiças, abuso dos juros bancários, usurários, fofocas e devedores assumidos que se negavam a pagar. Assim meu pai faliu depois de 50 anos de trabalhos honestos.

Mantido o exercício moral de prudência e cuidados. Fundaram na minha casa uma moral ética que abarcava a todos com apoios sinceros e com o coração aberto para com os outros. Devíamos espalhar a comida, conter a fome, divulgar o bem, frear o mal. Propagandear a vida, combater a violência. Nenhum de nós duvidava de que a medida que deixávamos de ser crianças tínhamos que deixar de ser sinceros, ainda que a contragosto. A falta de censura não combina com a hipocrisia e a falta de sinceridade dos adultos. Aqueles que fazem da palavra e da honestidade uma compulsão a ser sincero e falar-se tudo é uma missão, o que acaba como fanatismo ou moralismo.

Toda vez que sonhamos, ainda que não digamos esperamos algum retorno. E muitos de nós sucumbimos por falta de reverberação. A espera do eco quando cansada se transforma em decepção que cronificada trás a depressão. Esta desiste do remédio que a inverte, pois sabe que o mundo mente, mata, guerreia e os poucos que se mantêm íntegros em suas infantis honestidades são os tontos sonhadores despreparados para o que eles, os donos do poder chamam de realidade.

Roberto Curi Hallal

